



## **Balança comercial caminha para novos padrões**

**Síntese:** *O país voltou a apresentar déficit nas suas transações com o exterior, o que não acontecia há quase cinco anos. O desempenho descendente da balança comercial – com a explosão das importações e a quase estagnação do volume exportado – explica a piora nos resultados. Brasil tornou-se dependente de preços em elevação para aumentar suas receitas cambiais. A balança da indústria saiu de um superávit de US\$ 5,9 bilhões em 2006 para um déficit de US\$ 7,8 bilhões no ano passado.*

O padrão das contas externas brasileiras vem se modificando continuamente ao longo dos últimos meses. São mudanças às vezes sutis, mas que, observadas em retrospectiva, sugerem a erupção de novos comportamentos e podem começar a indicar alterações de rumo. Resultados recentes mostram que estas transformações estão ganhando velocidade, moldando o que pode se tornar uma perigosa tendência.

Na última semana de fevereiro, o Banco Central divulgou que, pela primeira vez desde maio de 2003, o país apresentou déficit nas transações com o exterior, quando considerado o resultado acumulado em 12 meses. Tal acontecimento vinha sendo previsto desde o último trimestre de 2007. Àquela altura já se tornara evidente que o período de seguidos saldos positivos em conta corrente estava chegando ao fim. A realidade mostrou-se, porém, mais severa.

O mais dramático é a rapidez com que as contas externas passaram do azul ao vermelho. Basta dizer que, em janeiro de 2007, o país exibia um superávit acumulado em 12 meses de US\$ 14,2 bilhões. Ou seja, em apenas um ano o indicador mergulhou de um patamar altamente positivo para os US\$ 1,17 bilhão negativos de agora. Quando se considera apenas o mês, o déficit verificado em janeiro (US\$ 4,2 bilhões) foi o mais alto desde outubro de 1998, ou seja, em quase uma década – é o quarto resultado mensal negativo seguido.

### **Razões estruturais**

Vale recordar que, dez anos atrás, a economia global estava às voltas com mais uma das crises de proporções planetárias que assolaram a segunda metade dos anos 1990: era, então, a vez da Rússia. Em nada aquele cenário se parece com o que o mundo ora convive. Mesmo com a desaceleração dos Estados Unidos, a economia mundial ainda exhibe condições muitíssimo mais favoráveis. O fato de, num e noutro momento, o Brasil alcançar resultados externos semelhantes suscita preocupação.

Aumento da remessa de lucros para as matrizes – o terceiro maior valor desde 1947 – e piora no desempenho da balança comercial foram os fatores que geraram os resultados de janeiro. É, na realidade, o prolongado período de contínua valorização do real que está cobrando seu preço. O governo federal sustenta que são razões conjunturais, passageiras, mas já é possível ver

alterações estruturais a interferir nos números. E elas sugerem cautela aos gestores da política econômica.

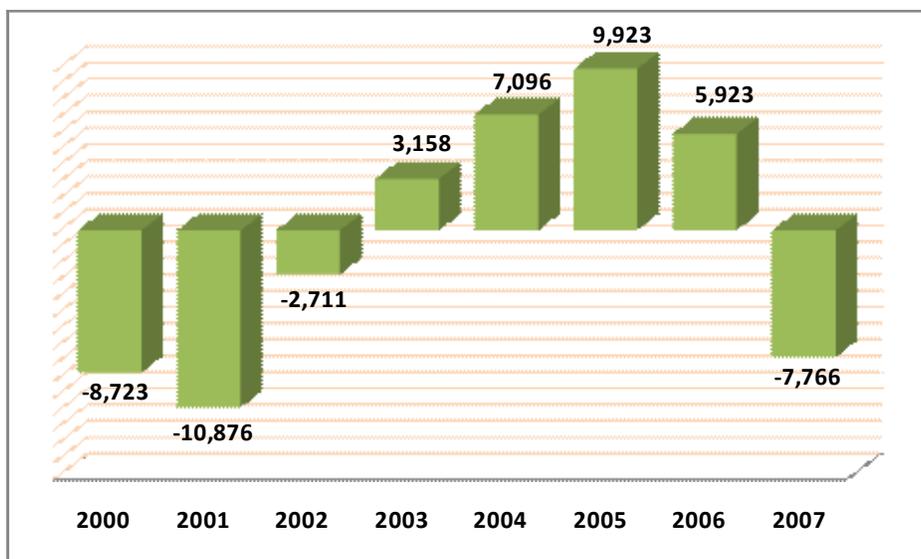
Convém deter-se sobre o comportamento do comércio exterior, motor da espetacular mudança nas nossas contas externas na última década. É fato que o Brasil vem conseguindo aumentar suas exportações. Mas é igualmente notório que o ritmo de crescimento das importações tem sido muito maior. Prova disso é que, também pela primeira vez desde maio de 2002, a balança comercial exibiu déficit numa semana, a quarta de fevereiro. O ponto de vista oficial advoga que se trata de evento isolado, longe de caracterizar tendência. Retrocedendo na análise, é possível ver, porém, que o comportamento do comércio exterior nos últimos anos já vem sofrendo modificações.

### Preços garantem superávits

O país ainda consegue obter superávits comerciais porque grande parte dos produtos que exporta (como minérios, produtos agrícolas e matérias-primas) tem alcançado níveis recorde de preços em períodos recentes. Desde 2004, as cotações das nossas exportações ficaram, em média, 54% mais altas. Mas o que dá dinamismo exportador a um país é sua capacidade de ampliar a quantidade – e não o preço – dos bens que vende a seus parceiros internacionais. Sob este prisma, o desempenho nacional tem deixado muito a desejar.

Em 2006 o país elevou em apenas 3,3% o volume exportado; no ano passado, o avanço foi um pouco maior, mas ainda muito tímido: 5,5%. A média mundial no último quadriênio foi de 8%. Em janeiro último, a quantidade embarcada ficou praticamente estagnada em relação a um ano atrás. Resta claro que o Brasil depende quase inteiramente do aumento das cotações internacionais das commodities, sobre as quais não tem qualquer controle, para manter a balança comercial no azul. (Apenas para dimensionar: em 2007, dois terços do aumento das exportações deveu-se à elevação de preços.)

### Saldo comercial de manufaturas (em US\$ bilhões)



Fonte: ledi

Ou seja, há, de fato, novos padrões de comportamento em nosso comércio exterior. Reconhecê-los é o primeiro passo para evitar uma deterioração mais séria nas contas externas. Depois de cinco anos de superávits, as transações correntes devem fechar no vermelho este ano. Em 2007, o saldo foi positivo em US\$ 3,3 bilhões. Agora, de acordo com o mais recente número do boletim Focus, do BC, estima-se que a conta ficará negativa em US\$ 7,8 bilhões – há 13 semanas o levantamento vem apontando sucessivas piores.

O mais grave, porém, é que as exportações têm perdido mais terreno e as importações têm ganhado mais força justamente em setores econômicos mais sofisticados. Enquanto a média geral de exportação cresceu 24,6% no ano até agora, os embarques de manufaturados subiu 16%. Na mesma base de comparação, a venda de produtos básicos para o exterior aumentou 34%.

### **Quanto mais tecnologia, piores os resultados**

Na outra ponta, até fevereiro o país importou 57% mais. Argumenta-se que estão crescendo, principalmente, as importações de máquinas e equipamentos, que permitirão ao país produzir mais internamente. De fato, elas têm avançado bastante, mas respondem hoje por parcela menor que há cinco anos: as importações de bens de capital perfazem, agora, 14% do total; em 2003, equivaliam a 14,8%.

Em estudo publicado este mês, o Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial) mostra quão dramática é a situação da balança comercial de bens industriais – ou seja, aqueles que permitem ao país gerar internamente mais empregos e de melhor qualidade. O setor saiu de um superávit de US\$ 5,9 bilhões em 2006 para um déficit de US\$ 7,8 bilhões no ano passado, nível equivalente ao observado em 2000. Em apenas um ano reverteu-se um resultado que levou seis anos para ser construído. Mais que isso, manufaturas que empregam intensamente mão-de-obra qualificada e tecnologia apresentaram déficit de US\$ 21,7 bilhões em 2007, valor 50% acima do do ano anterior e o triplo do verificado em 2002.

O pior que o governo Lula pode fazer é ignorar que se está diante de uma realidade nova que, se não for enfrentada com políticas adequadas, pode pôr em risco conquistas decorrentes de um longo processo de ajustes e avanços. O dinamismo do comércio exterior não se sustenta com o arroz com feijão que a equipe econômica insiste em oferecer. O ambiente internacional exige maior competitividade e ações mais agressivas em busca de novos mercados. Sem elas, a série de resultados positivos nas nossas transações com o resto do mundo pode, em algum tempo, escorrer entre os dedos.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela. Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#). Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

---

#### **INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA**

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília - DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: [itv@itv.org.br](mailto:itv@itv.org.br) . site: [www.itv.org.br](http://www.itv.org.br)